



Inovação na
educação
com TIC

ieTIC2020: Livro de Atas

Editores

José António Moreira

Vítor Gonçalves

Ana García-Valcárcel

Pilar Gutiez Cuevas

OUTUBRO DE 2020

Ficha Técnica

Título

ieTIC2020: Livro de Atas
VI Conferência Ibérica de Inovação na Educação com TIC

Editores

José António Moreira	Universidade Aberta - Portugal
Vitor Gonçalves	Instituto Politécnico de Bragança - Portugal
Ana García-Valcárcel	Universidad de Salamanca - Espanha
Pilar Gutiez Cuevas	Universid Complutense de Madrid - Espanha

Grafismo e página web

Website (design): Rogério Carvalho, Instituto Politécnico de Bragança - Portugal
Website (Inglês): João Sérgio Sousa, Instituto Politécnico de Bragança - Portugal
Website (Espanhol): Marta Martín del Pozo, Universidad de Salamanca - Espanha
Website & videoconferência: César Sequeira, Universidade Aberta - Portugal
EasyChair & Website: Vitor Gonçalves, Instituto Politécnico de Bragança - Portugal

Organização evento ieTIC2020 (Açores):

Universidade Aberta, Portugal
José António Moreira, Daniela Barros, Maria de Fátima Goulão, Susana Henriques, Sandro Jorge, Séfora Silva, Joana Correia e Leonardo Sousa

Colaboração evento ieTIC2020 (Açores):

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Manuel Meirinhos, João Sérgio Pina Carvalho Sousa, Vitor Gonçalves & Maria Raquel Vaz Patrício

Universidad de Salamanca, Espanha

Ana García-Valcárcel, Luis Gonzalez Rodero & Marta Martín del Pozo

Universidad Complutense de Madrid, Espanha

Pilar Gutiez Cuevas & Francisco J. García Tartera

Edição

Local: Porto, Portugal
Data de edição: outubro de 2020
ISBN: 978-972-745-270-5
Handle: <http://hdl.handle.net/10198/19663>
URL: www.ietic.ipb.pt
Email: ietic@ipb.pt

Sociedade digital e perfis de envelhecimento Digital society and ageing profiles

Maria Raquel Patrício¹, Henrique Gil²

¹Centro de Investigação em Educação Básica - Instituto Politécnico de Bragança, Portugal, raquel@ipb.pt, ²Age.Comm – Instituto Politécnico de Castelo Branco, Portugal, hteixeiragil@ipcb.pt

Resumo

O envelhecimento demográfico é um fenómeno global nas sociedades desenvolvidas e cada vez mais expressivo nos territórios do interior de Portugal, nem sempre adaptados à sociedade digital. As competências digitais são determinantes para o exercício pelo de cidadania e a inclusão na sociedade digital. Partindo de um estudo de avaliação multidimensional da população das regiões envelhecidas de Portugal, enquadrado na elaboração de perfis de envelhecimento no âmbito do projeto PerSoParAge - Recursos pessoais e sociais para a autonomia e participação social numa sociedade envelhecida (POCI-01-0145-FEDER-023678), apresenta-se a associação entre as variáveis sociodemográficas e de utilização de tecnologias digitais para a determinação de perfis de envelhecimento na população com 55 ou mais anos dos distritos de Castelo Branco, Guarda e Portalegre. O estudo visa contribuir para o desenvolvimento de respostas públicas e sociais adequadas ao perfil da população e aos desafios da sociedade digital para um envelhecimento saudável, ativo e participativo.

Palavras-Chave: *sociedade digital, envelhecimento, territórios do interior.*

Abstract

Demographic ageing is a global phenomenon in developed societies and increasingly expressive in the interior territories of Portugal, not always adapted to the digital society. Digital skills are crucial for the exercise of citizenship and inclusion in the digital society. Starting from a multidimensional evaluation study of the population of the ageing regions of Portugal, framed in the elaboration of ageing profiles within the scope of the PerSoParAge project - Personal and social resources for autonomy and social participation in an ageing society (POCI-01-0145-FEDER-023678), the association between the sociodemographic variables and the use of digital technologies for the determination of ageing profiles in the population aged 55 or over in the districts of Castelo Branco, Guarda and Portalegre is presented. The study aims to contribute to the development of public and social responses appropriate to the profile of the population and the challenges of the digital society for healthy, active and participative ageing.

Keywords: *digital society, ageing, interior territories.*

1 Introdução

Num mundo em rápida evolução e transformação digital é, por um lado, imprescindível reforçar o investimento em infraestruturas de telecomunicações, redes digitais e de alta velocidade e na educação ao longo da vida. Por outro, é essencial apoiar o desenvolvimento de novas competências para viver e trabalhar na sociedade digital. A globalização e as mutações tecnológicas exigem que todas as pessoas possuam competências ajustadas a um mundo em evolução permanente, nomeadamente as competências essenciais para uma aprendizagem ao longo da vida. Destas, enfatizamos as digitais pelas suas vantagens para um envelhecimento saudável e ativo, uma vida mais

autónoma e com qualidade, e uma cidadania participativa e crítica. Habilitar as populações mais envelhecidas em literacia, competências e inclusão digitais requer um conhecimento informado das suas reais necessidades e dos seus efetivos interesses em tecnologias digitais e assistivas, com vista à valorização pessoal e ao desenvolvimento social das comunidades dos territórios rurais e urbanos do interior do país.

O envelhecimento demográfico é um fenómeno global, principalmente nas sociedades mais desenvolvidas, abarcando um grande número de pessoas de contextos e origens sociais diferentes verificando-se uma "democratização da velhice" (Légaré, 2001, p. 118). Este fenómeno de evolução da sociedade tem dado origem a desafios que não são apenas demográficos, mas "têm consequências que vão muito além da demografia" (Lutz, Sanderson, & Scherbov, 2009, p. 76). Bárrios e Fernandes (2014) identificam alguns aspetos ao nível de trabalho e de lazer, de apoio social e familiar, nas relações intergeracionais, na organização do ciclo de vida, da idade de reforma e na sustentabilidade dos sistemas de pensões. Neste sentido, é fundamental o desenvolvimento de respostas sociais, económicas, de saúde e de políticas adequadas para que os mais velhos possam usufruir de uma vida mais saudável, ativa e participativa na sociedade digital. Com efeito, é necessário considerar que "trajetórias sociais percorridas em diferentes contextos históricos e geográficos têm impacto no final de vida dos homens e mulheres que envelhecem" (Fernandes e Botelho, 2007, p. 14).

Como afirmam Nierling e Domínguez-Rué (2016) os avanços nas tecnologias digitais têm uma implicação direta na melhoria da qualidade de vida dos cidadãos, seja qual for a sua idade. Por essa razão há a tendência por se centrar a atenção em torno das tecnologias quase exclusivamente do ponto de vista tecnológico. Num outro ponto de vista, Peine, Jaeger e Moors (2015) são de opinião que as tecnologias não devem ser encaradas ou enfatizadas pelas suas qualidades tecnológicas, mas, ao invés, o foco deve ser centrado na forma como essas tecnologias podem ser incorporadas no contexto social dos seus utilizadores. Por esta ordem de razões, Nierling e Domínguez-Rué (2016) assumem que as tecnologias não devem ser vistas ou avaliadas como sendo 'boas' ou 'más', mas antes pela forma como as tecnologias podem ser integradas nos contextos sociais. Contudo, quando se trata destas questões tendo em consideração a população mais envelhecida, a problemática torna-se mais complexa devido à grande heterogeneidade deste grupo social. Deste modo, e de forma a se poder contornar esta situação mais problemática, Campagna e Kohlbacher (2015) propõe que em todo o processo de construção ou de elaboração de um dado produto ou solução digital, os mais idosos devem ser uma parte ativa e interventiva de forma a poder fazer valer o ponto de vista social junto de um ponto de vista

mais técnico ou tecnológico. Pois, na maior parte dos casos a eficiência e a eficácia tecnológica raramente consegue ir ao encontro da complexidade social e até pessoal (Hülsken-Giesler e Bleses, 2015). Por esse facto é que se torna necessário que as diferentes propostas digitais devam ser previamente testadas em contexto social de forma a se poder antever a sua praticabilidade e posterior utilização e acomodação pelos cidadãos. Portanto, é fundamental que nesta integração dos idosos sejam tidas em consideração as suas interpretações e sugestões mais pragmáticas porque o que estes pretendem é que as tecnologias possam ser incluídas nas suas rotinas (Pelizäus-Hoffmesteir, 2016). No mesmo sentido, Nierling e Domínguez-Rué (2016, p. 13) afirmam que: “the answers to questions that concern the ageing population are not simply new technologies but, on the one hand, a new focus on the agency of the elderly that encompasses their use of the existing technology repertoires and also their everyday strategies to maintain autonomy”. Dada a complexidade social e humana, deve também ser realizada uma abordagem transdisciplinar para se poder tentar dar uma resposta mais global e diversificada. Este ponto de vista é igualmente partilhado por Pelizäus-Hoffmesteir (2016, p. 43) quando afirma: “It is essential to verify theses on interrelationships between the social, cultural, and structural conditions and the interpretative models of technology.”

2 Enquadramento

O presente estudo enquadra-se no âmbito do projeto PerSoParAge - Recursos pessoais e sociais para a autonomia e participação social numa sociedade envelhecida (POCI-01-0145-FEDER-023678), com o propósito de desenvolver propostas e ferramentas de análise e intervenção que respondam aos desafios das regiões envelhecidas do interior de Portugal, partindo de uma avaliação do território, nos distritos de Castelo Branco, Guarda e Portalegre. O projeto decorreu de outubro de 2017 a dezembro de 2019, com cofinanciamento do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (COMPETE 2020), na componente FEDER, e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Foi representado por um consórcio formado pelo Instituto Politécnico de Castelo Branco (entidade proponente), Instituto Politécnico de Portalegre, Instituto Politécnico da Guarda, Instituto Politécnico de Bragança, Câmara Municipal de Castelo Branco e Câmara Municipal de Idanha-a-Nova (copromotores). O projeto contou ainda com várias entidades parceiras: Câmara Municipal de Portalegre, Câmara Municipal de Elvas, Junta de Freguesia de Castelo Branco, Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco, Santa Casa da Misericórdia de Idanha-a-Nova, ADM Estrela - Associação Social e Desenvolvimento, e Unidade Local de Saúde de Castelo Branco. As instituições e entidades que formaram o

projeto estão inseridas no ecossistema em estudo, mobilizam e geram sinergias para a construção de conhecimento que dê resposta aos desafios das alterações demográficas sentidas nas regiões abrangidas, com a definição de estratégias de intervenção e desenvolvimento regional partilhado, a disseminação e a aplicação dos resultados do projeto.

A criação de conhecimento a partir do diagnóstico da população tem como objetivo conhecer os perfis de envelhecimento presentes numa determinada área geográfica, de modo a entender as diferentes formas de viver o processo de envelhecimento local na sociedade digital. Integra-se numa perspetiva de envelhecimento ativo, pensando na promoção da qualidade de vida desta população através da utilização dos recursos digitais para uma maior participação social, bem como na oportunidade para fazer face aos desafios inerentes ao processo de envelhecimento. Este conhecimento é decisivo para a definição de propostas de intervenção estruturadas e organizadas que respondam aos desafios das regiões envelhecidas dos distritos de Castelo Branco, Guarda e Portalegre, mas também que potenciem o desenvolvimento de respostas públicas e sociais adequadas ao perfil da população e aos desafios da sociedade digital nas comunidades do interior.

Este trabalho apresenta e discute os perfis de envelhecimento sociodemográficos na sociedade digital da população com mais de 55 anos dos distritos de Castelo Branco, Guarda e Portalegre, tendo por referência um conjunto de variáveis sociodemográficas que a caracterizam e de tecnologias de informação e comunicação (TIC) que utilizam. O diagnóstico realizado permite conhecer a realidade do envelhecimento num determinado território e fundamentar uma intervenção mais orientada às reais necessidades e expectativas da população residente nesses territórios.

3 Metodologia

O presente estudo é de natureza quantitativa através de inquérito por questionário de caracterização sociodemográfica e de utilização de tecnologias de informação e comunicação à população dos distritos de Castelo Branco, Guarda e Portalegre. Foram realizados dois inquéritos por questionário, um destinado aos indivíduos dos 55 aos 64 anos e o outro para a população com 65 ou mais anos. A amostra constituída por 408 indivíduos, dos quais 139 com idades compreendidas entre os 55 e 64 anos e 269 pessoas com 65 anos ou mais, abrangeu as regiões urbanas e rurais dos distritos em estudo. O inquérito por questionário aplicado à amostra foi organizado em torno de treze categorias, todavia para o presente trabalho apenas foram consideradas duas categorias:

caraterização sociodemográfica e TIC. A categoria da caraterização sociodemográfica incluía variáveis que permitiram traçar o perfil dos inquiridos em termos de sexo, idade, nível de escolaridade, profissão e localização (distrito; rural/urbano). A categoria das TIC abrangia a recolha de informação de utilização das TIC, como por exemplo: o uso de multibanco, dispositivos tecnológicos e Internet; benefícios da utilização das TIC; formação em competências digitais. Para a análise dos dados foi realizada, numa primeira fase, uma análise descritiva dos dados em função da natureza das variáveis em estudo com vista a descrever e a caraterizar a amostra. Numa segunda fase, foi realizada uma análise estatística.

4 Caraterização Sociodemográfica e TIC

A seguir procede-se à análise dos dados referentes às categorias e subcategorias definidas nos instrumentos de recolha de dados, por grupo etário e distrito.

4.1 População entre os 55 e 64 anos

No que se refere à caraterização sociodemográfica (ver Tabela 1), em Castelo Branco dos 60 inquiridos 57 pertencem ao meio urbano e 3 ao rural. O sexo predominante é o feminino (55%) e a média de idades é de 58,9 anos. Quanto aos níveis de escolaridade, destaca-se o ensino superior com 35%, segue-se o ensino secundário (23%), 1.º ciclo do ensino básico (22%), 3.º ciclo do ensino básico (10%) e, por fim, 2% dos inquiridos completaram o ensino médio. Grande parte da população ainda está no ativo (70%), exercendo, principalmente, profissões nas seguintes áreas: ensino (professor/a); comércio, indústria e restauração; trabalhos domésticos, administrativos e de construção civil; forças de segurança pública.

Na Guarda responderam ao inquérito 36 pessoas, das quais 27 vivem na zona urbana e 9 na zona rural. A idade média é de 59,6 anos e o sexo feminino está em maioria (67%). Quanto aos estudos, 44% dos inquiridos concluiu o ensino secundário, 17% o ensino superior, 16% o 3.º ciclo do ensino básico, 11% o 1.º ciclo do ensino básico, 3% o 2.º ciclo do ensino básico, 3% sabe ler e escrever sem possuir grau de ensino, e, também, 3% optaram pela resposta "Não sabe ou Não responde". A maioria da população (78%) exerce uma atividade profissional, nomeadamente como funcionário/a público; assistentes técnico, operacional ou administrativo; auxiliar de enfermaria; professor/a; e no campo da agricultura e dos serviços.

No distrito de Portalegre participaram no estudo 43 pessoas, 88% residentes em meio urbano e 12% em meio rural, com uma média de idades de 60,1 anos. O género masculino

representa 53% da população. O nível de escolaridade mais frequentado foi o 2.º ciclo do ensino básico (23%) e o 1.º ciclo do ensino básico (21%), de seguida o 3.º ciclo do ensino básico e o ensino secundário, ambos com 16%. Os ensinos médio e superior correspondem os dois a 9%, existindo ainda 6% da população que não sabe ler nem escrever. Apesar de 58% da população estar no ativo, 30% já se encontram em situação de reforma, o desemprego atinge 7% e 5% escolheu a opção "outro". As atividades profissionais são variadas, desde os setores da agricultura e da floresta, passando pelos serviços, restauração e comércio, até ao setor público (educação, serviços, militar).

Os dados globais e principais referentes à caracterização sociodemográfica da população entre os 55 e 64 anos dos três distritos apresentam-se, de forma resumida, na tabela 1.

Tabela 4: Caracterização sociodemográfica da população entre os 55 e 64 anos dos distritos de Castelo Branco, Guarda e Portalegre.

Distrito	N.	Meio rural	Meio urbano	Sexo F	Sexo M	Médias idades	Estudos	Atividade atual	Profissão
Castelo Branco	60	3	57	33	27	58,9	Ensino superior Ensino secundário	Trabalha	Professor
Guarda	36	9	27	24	12	59,6	Ensino secundário		Funcionário público
Portalegre	43	5	38	20	23	60,1	2.º CEB		Assistente operacional

Na categoria TIC, para o grupo etário dos 55-64 anos, foram consideradas as subcategorias seguintes: dispositivos tecnológicos, Internet, perceção de uma vida melhor acedendo e utilizando as TIC, e interesse em frequentar ações de formação em competências digitais. Apuramos que a maioria dos inquiridos dos distritos de Castelo Branco, Guarda e Portalegre possui algum dispositivo tecnológico (smartphone, tablet, computador portátil ou de secretária), principalmente o smartphone. Os indivíduos que não têm qualquer dispositivo tecnológico alegam a falta de conhecimentos para a sua utilização, os custos elevados e não necessitar destes dispositivos. Nestes distritos mais de 70% da população possui ligação à Internet própria e a maioria reconhece que pode ter

uma vida melhor acedendo e utilizando as TIC, especificamente pela obtenção de mais conhecimento e maior envolvimento familiar. Em Castelo Branco e na Guarda foi também destacada a redução do isolamento e em Portalegre realçada a participação social. Acerca do interesse em frequentar ações de formação em competências digitais, os dados mostram que a população de Castelo Branco (43% responderam sim e 25% talvez) e da Guarda (39% sim e 36% talvez) está receptiva a adquirirem competências digitais. Em Portalegre verificou-se o oposto, 69% dos inquiridos não pretendem frequentar ações de formação.

Na tabela 2 ilustra a informação essencial da categoria TIC nos distritos de Castelo Branco, Guarda e Portalegre.

Tabela 2: Utilização das TIC pela população entre os 55 e 64 anos dos distritos de Castelo Branco, Guarda e Portalegre.

Distrito	Dispositivo tecnológico	Ligação Internet	Motivos não ter dispositivo tecnológico e Internet	Vida melhor com a utilização das TIC	Formação competências digitais
Castelo Branco	Smartphone	Maioria	Não sabe utilizar	Mais conhecimento	Sim
Guarda			Não sabe utilizar	Envolvimento familiar	
Portalegre			Não precisa	Participação social	Não

4.2 População com 65 e mais anos

Relativamente à população com 65 e mais anos, a amostra abrangeu 269 pessoas, sendo de Castelo Branco 99, da Guarda 84 e de Portalegre 86 pessoas.

A caracterização sociodemográfica (ver Tabela 3) dos inquiridos em Castelo Branco demonstra que a generalidade (96%) reside na área urbana e uma minoria na rural (4%). A idade média é de 77,1 anos. O sexo feminino representa 62% da população e o masculino 38%. Os estudos que este grupo completou foram sobretudo ao nível do 1.º ciclo do ensino básico (65%), ainda que algumas pessoas tenham um curso superior (7%), umas frequentaram o 3.º ciclo do ensino básico e o ensino secundário (ambos 6%) e outras

sabem ler e escrever sem possuir grau (5%) ou têm o 2.º ciclo do ensino básico. No entanto, ainda há pessoas que não sabem ler nem escrever (7%). A quase totalidade da população está numa situação de reforma (97%) ou exerce atividade doméstica (2%) e apenas uma pessoa está no ativo (1%) exercendo a profissão de costureira. As principais profissões dos inquiridos estiveram relacionadas com a agricultura, o comércio, atividades domésticas, função pública, docência e motorista.

No distrito da Guarda, a população auscultada tem idades compreendidas entre os 65 e 99 anos, sendo 77,2 anos a média de idades. Ao nível da localização residencial, verifica-se uma distribuição mais equilibrada entre o meio rural (51%) e o urbano (49%), à semelhança dos géneros (feminino 54% e masculino 46%). Considerando as habilitações literárias, quase metade da população (48%) possui o 1.º ciclo do ensino básico, contudo 20% das pessoas são iletradas e 12% sabem ler e escrever sem ter grau de ensino. Os outros estudos que este grupo possui são: ensino secundário (6%), 2.º ciclo do ensino básico (5%), ensino superior (4%), 3.º ciclo do ensino básico (3%) e ensino médio (2%). Este grupo populacional está, principalmente, reformado/a (93%), ainda que algumas pessoas exerçam uma atividade profissional (5%) ou aludam outra situação (2%). Os dados mostram que os inquiridos exerceram profissões diversas, com destaque para os seguintes setores de atividade: agrícola (40%), doméstica (19%), comercial (14%), serviços (13%), industrial (8%) e pública (5%).

Tabela 3: Caracterização sociodemográfica da população com 65 e mais anos dos distritos de Castelo Branco, Guarda e Portalegre.

Distrito	N.	Meio rural	Meio urbano	Sexo F	Sexo M	Média idades	Estudos	Atividade atual	Profissão
Castelo Branco	99	4	95	61	38	77,1	1.º CEB	Reforma- do	Agricultor Doméstica
Guarda	84	43	41	45	39	77,2			
Portalegre	86	19	67	47	39	75,7			

Em Portalegre foi possível contar com a participação de 86 pessoas, sobretudo da zona urbana (78%) e do sexo feminino (55%). Neste grupo populacional, a pessoa mais nova tem 65 anos e a mais velha 93 anos, sendo a média de idades de 75,7 anos. As principais habilitações escolares são 1.º, 2.º e 3.º ciclos do ensino básico (51%, 13% e 13%, respetivamente). Somente 3% possui um curso superior, 5% o ensino secundário e 2% o

ensino médio. Também verificamos que neste distrito existem algumas pessoas sem alfabetização (5%), nomeadamente as com idade mais avançada. A quase totalidade dos inquiridos está numa situação de reforma (94%), uns ainda se dedicam a uma atividade profissional (4%) e poucos estão desempregados (2%). As profissões, sendo muito variadas, foram agrupadas por ramo de atividade: serviços (26%), público (17%), agricultura e doméstica/familiar (ambos com 14%) e comércio (6%). Alguns inquiridos (23%) optaram por não responder a esta questão.

Tabela 4: Utilização das TIC pela população com 65 e mais anos dos distritos de Castelo Branco, Guarda e Portalegre.

Distrito	Multibanco	Dispositivo tecnológico	Ligação Internet	Motivos não ter dispositivo tecnológico e Internet	Vida melhor com a utilização das TIC	Formação competências digitais
Castelo Branco	Sim, sem ajuda	Maioria não possui	Maioria não possui	Não sabe utilizar Não precisa	NS/NR	Não
Guarda	Não utiliza				Não melhoraria	
Portalegre	Sim, sem ajuda					

Quanto às TIC, além das 4 subcategorias referidas anteriormente, foi incluída a subcategoria multibanco para a população com 65 e mais anos. Assim, os dados que constam da tabela 4 revelam que em Castelo Branco e Portalegre o multibanco é utilizado sem ajuda por mais de metade da população, 54% e 63% respetivamente. Contudo, no distrito da Guarda mais de metade da população (62%) não utiliza o multibanco. Os resultados foram claros quanto à escassa utilização de dispositivos tecnológicos entre a população mais idosa. Com efeito, 92% dos inquiridos na Guarda não possuem smartphone, 73% em Castelo Branco e 63% em Portalegre, apresentando como principais razões “Não preciso” e “Não saber utilizar”. Situação semelhante quanto à Internet, ou seja, a maioria da população (Castelo Branco 58%; Portalegre 61%; Guarda 87%) não possui ligação à Internet própria. Portanto, a população dos 3 distritos foi unânime em não identificar melhorias na sua vida com as TIC, dado que não as utilizam nem identificam os seus benefícios, referindo mesmo que a sua vida “Não melhoraria em nada” ou “Não sabe responder”. Por fim, quanto à formação em competências digitais, em Castelo Branco 57%

dos inquiridos referiram que não gostariam de frequentar, 34% que frequentariam, 7% que talvez e 2% "Não Sabe/Não Responde" (NS/NR). Na Guarda 71% dos inquiridos não frequentariam ações de formação, apenas 12% estariam interessados, 10% talvez e 7% NS/NR. Em Portalegre o número de pessoas que não gostaria de frequentar ações de formação em competências digitais aumenta (77%), ainda assim 12% afirmaram que frequentariam estas ações, 6% talvez pudessem frequentar e 5% optou pela resposta NS/NR.

5 Perfis de envelhecimento da população de Castelo Branco, Guarda e Portalegre

A partir dos resultados apresentados anteriormente, procurou-se construir uma tipologia de perfis baseada numa abordagem multidimensional através da combinação dos vários indicadores e análise relacional, para perceber se as TIC fazem parte do quotidiano de cada um dos participantes, mas também aceder a informações específicas de cada indivíduo com o objetivo de cruzar os dados para formar o perfil de envelhecimento na sociedade digital. Portanto, determinamos dois perfis principais de envelhecimento: velhice em inclusão digital e social (perfil 1) e velhice em exclusão digital e social (perfil 2).

No perfil 1, velhice em inclusão digital e social, incluem-se os indivíduos que revelam hábitos diários de utilização das TIC e da Internet, e reconhecem benefícios e vantagens para a sua vida. São também os que manifestam mais interesse na atualização de competências digitais. Portanto, indivíduos com uma vida mais participativa e um bem-estar geral, com maiores oportunidades de um envelhecimento ativo e saudável.

Quanto aos indivíduos do perfil 2, velhice em exclusão digital e social, os mais idosos e do sexo feminino são aqueles que menos uso fazem dos dispositivos tecnológicos e da Internet, apresentam elevada iliteracia digital e sem interesse em reverter a situação. Estas pessoas poderão estar mais predispostas ao isolamento, pouca participação social, menos envolvimento familiar e a um envelhecimento em exclusão e indiferença. Este grupo revela maior fragilidade pelo que é necessário a criação de oportunidades de inclusão digital e social, otimizando a intervenção ao nível da sensibilização e formação, nomeadamente no distrito da Guarda, para melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem, com recursos digitais e soluções de dispositivos e tecnologias assistivas.

Embora sendo o envelhecimento um processo heterogéneo e complexo, verifica-se alguma homogeneidade quanto ao grupo etário e sexo nos territórios do interior em estudo.

6 Conclusões

A construção dos perfis de envelhecimento foi baseada numa abordagem multidimensional, em que cada perfil foi apoiado por uma combinação de múltiplos indicadores (sociodemográficos e de tecnologias de informação e comunicação). Os dados recolhidos e analisados permitiram a identificação de dois perfis de envelhecimento reveladores de distintas formas de envelhecer: velhice em inclusão digital e social, e velhice em exclusão digital e social. Os resultados sugerem que existe uma associação entre as variáveis sociodemográficas e digitais disponíveis, podendo este conhecimento contribuir para a implementação de medidas que equacionem os papéis das pessoas mais velhas e incrementem o seu envelhecimento saudável, ativo e participativo na sociedade digital. Por conseguinte, destaca-se a importância da aprendizagem ao longo da vida e do acesso e da distribuição de recursos, entre os quais os sociais, educativos, culturais, tecnológicos e digitais, que promovam novos conhecimentos e interesses, uma vida social e familiar estimulante e enriquecedora para envelhecer bem, com qualidade e ativamente na sociedade digital. As pessoas idosas com competências digitais têm uma melhor autoestima; mais independência e participação nas relações interpessoais e intergeracionais; e uma perspetiva positiva do envelhecimento. Estas competências estimulam novas aprendizagens e interesses, contribuindo para um envelhecimento ativo e saudável (Patrício & Osório, 2017; Gil, 2015; Batista, 2011; Kachar, 2010).

Pelo exposto, é essencial a implementação de medidas mais ajustadas às necessidades e aos interesses das populações destes territórios, numa estratégia mais abrangente de envelhecimento ativo, incluindo todos os idosos, mas também todas as idades, tendo por base a solidariedade intergeracional. Medidas que devem emergir de orientações políticas, bem como do envolvimento dos atores sociais regionais e locais, de propostas da comunidade e dos cidadãos, desenvolvidas em ações integradas numa perspetiva de ciclo de vida, procurando antever e prevenir o risco de exclusão social e digital.

A terminar, sugerimos algumas medidas: promover a literacia e inclusão digitais através da aprendizagem ao longo da vida com ações de sensibilização/esclarecimento específicas e ações de formação em competências digitais; dinamizar o convívio intergeracional e a intervenção comunitária de proximidade com a disponibilização, experimentação e a utilização de novos serviços e soluções digitais e assistivas, de forma a estimular o interesse, a curiosidade e a necessidade de utilização dos recursos digitais para a promoção da saúde e das interações sociais; rentabilizar os recursos das instituições mais vocacionadas para o envelhecimento, com destaque para os Centros de Dia e Lares, no sentido de disponibilizarem redes sem fios para os seus utentes a fim de promoverem um

contexto e uma ambiência digital que estimule a utilização de recursos digitais nas rotinas diárias.

7 Agradecimentos

O Projeto PerSoParAge - Recursos pessoais e sociais para a autonomia e participação social numa sociedade envelhecida (POCI-01-0145-FEDER-023678) foi cofinanciado pelo Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (COMPETE 2020), na componente FEDER, e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

8 Referências

- Bárrios, M. J. & Fernandes, A. A. (2014). A promoção do envelhecimento ativo a nível local: análise de programas de intervenção autárquica, *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 32(2), 188-196.
- Batista, H. (2011). *A informática social - a inclusão na terceira idade*. Castelo Branco: IPCB.
- Campagna, D. & Kohlbacher, F. (2015). The limits of participatory technology development: The case of service robots in care facilities for older people. *Technological Forecasting & Social Change*, 93, 19-31.
- Fernandes, A. A. & Botelho, M. A. (2007). Envelhecer Ativo, Envelhecer Saudável: o Grande Desafio, *Forum Sociológico*, 17, 11-16.
- Gil, H. (2015). *Cidadania Digital 65+: Os cidadãos 65+ do concelho de Castelo Branco, as TIC, a e-Saúde e o e-Governo Local*. Coimbra: Edições Minerva.
- Hülsken-Giesler, M. & Bleses, H. (2015). Schwerpunkt: Neue Technologien in der Pflege. *Pflege & Gesellschaft*, 20(1), 3-4.
- Kachar, V. (2010). Envelhecimento e perspectivas de inclusão digital. *Revista kairós gerontologia*, 13(2), 131-147.
- Légaré, J. (2004). Conséquences économiques, sociales et culturelles du vieillissement de la population. In G. Casseli, J. Vallin, G. Wunsch (Eds.), *Démographie: Analyse et synthèse VI – Population et sociétés* (pp. 117-135). Paris: Éditions de l'INED.
- Lutz, W., Sanderson, W. & Scherbov, S. (2004). *The End of World Population Growth in the 21st Century: New Challenges for Human Capital Formation and Sustainable Development*. Londres: Taylor & Francis.
- Nierling, L. & Domínguez-Rué, E. (2016). All that Glitters is not Silver – Technologies for the Elderly in Context. In: Domínguez-Rué, E. e Nierling, L. (Eds.) *Ageing &*

Technology – Perspectives from the Social Sciences (pp. 9-23). ISBN 978-3-8394-2957-0. Verlag: Bielefeld.

Patrício, M. R. & Osório, A. (2017). Literacia digital intergeracional: desafios e oportunidades para a educação ao longo da vida. *Eduser - Revista de Educação*, 9(1), 1-12.

Peine, F., Jaeger, A. & Moors, E. (2015). Science, technology and the 'grand-challenge' of ageing – Understanding the social-material constitution of later life. *Technological Forecasting & Social Change*, 93, 68-81.

Pelizäus-Hoffmesteir, H. (2016). Motives of the Elderly for the Use of Technology in their Daily Lives. In: Domínguez-Rué, E. e Nierling, L. (Eds.) *Ageing & Technology – Perspectives from the Social Sciences* (pp. 27-46), ISBN 978-3-8394-2957-0. Verlag: Bielefeld.

Jovens estudantes e vídeos digitais online: novos contextos de aprendizagem

Young students and online digital videos: new learning contexts

Ivo Fernandes Gomes

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Brasil,
ivox.fernandes@gmail.com

Resumo

Esse trabalho propõe discutir as experiências dos estudantes do Ensino Médio com vídeos digitais online em suas aprendizagens escolares. Para tanto, assume a aprendizagem como fenômeno que deve ser gestado pelo sujeito aprendente, responsável por suas próprias aprendizagens, atribuindo relevância às práticas e conhecimentos apresentados por esses estudantes. Elaborado a partir de estudo de doutoramento, em curso, o trabalho apresenta dados de uma pesquisa qualitativa realizada em 2019 em uma Escola Pública do Ensino Médio no interior da Bahia, no Brasil. A construção dos dados se deu a partir das respostas de 464 questionários aplicados aos estudantes e a realização de três Grupos Focais com aproximadamente 10 participantes cada. É possível inferir a partir dos resultados que há uma relação entre as experiências dos jovens estudantes com a mídia audiovisual - em particular os vídeos digitais - e uma intenção de aprendizagem a partir de demandas escolares e não escolares.

Palavras-chave: *aprendizagem escolar, jovens estudantes, vídeos digitais.*

Abstract

This paper proposes to discuss the experiences of high school students with online digital videos in their school learning. To this end, it assumes learning as a phenomenon that must be managed by the learning subject, responsible for their own learning, attributing relevance to the practices and knowledge presented by these students. Prepared from an ongoing doctoral study, the work presents data from a qualitative research conducted in 2019 at a Public High School in the countryside of Bahia, Brazil. The construction of the data was based on the responses of 464 questionnaires applied to students and the realization of three Focus Groups with approximately 10 participants each. It is possible to infer from the results that there is a relationship between the experiences of young students with audiovisual media - in particular digital videos - and an intention to learn from school and non-school demands.

Keywords: *school learning, young students, digital videos.*

1 Introdução

Na atualidade, enquanto os jovens estudantes parecem aderir quase que espontaneamente à cultura dos vídeos digitais, explorando essa linguagem para variados fins, principalmente em suas aprendizagens, a escola em suas práticas, em geral enfrenta dificuldades em atrair e manter os estudantes no contexto da cultura escolar que valoriza predominantemente a leitura e escrita alfabética (Nogueira & Padilha, 2014), negligenciado às vezes, as práticas desses estudantes, bem como o papel e potencialidade da linguagem

audiovisual. Como afirma Bannell *et al.* (2016, p. 71-72), “parece haver mesmo certa oposição entre o universo digital, no qual os jovens transitam com relativa facilidade, e o universo escolar, no que diz respeito às exigências cognitivas.”.

Nesse contexto, o objetivo desse artigo é discutir as experiências de aprendizagem escolar de jovens estudantes do Ensino Médio com os vídeos digitais online, apresentando resultados parciais da pesquisa de doutoramento em curso, intitulada “Concepções dos estudantes sobre aprendizagem escolar: o papel dos vídeos digitais”. que buscou investigar as concepções dos jovens estudantes do Ensino Médio sobre a aprendizagem de conhecimentos escolares em suas experiências com a mídia audiovisual, em particular os vídeos digitais.

2 Sobre o método

A pesquisa se fundamenta sob a perspectiva qualitativa e foi realizada em uma escola Pública Estadual de Ensino Médio (considerada a maior tanto em espaço físico quanto em número de alunos e turmas) na cidade de Teixeira de Freitas no Extremo Sul da Bahia – Brasil, em 2019. A referida localidade tinha população estimada em 160.000 mil habitantes no período da pesquisa (IBGE, 2019). O processo inicial de investigação se deu com o período de ambiência do pesquisador na escola durante os dois primeiros meses letivos do ano (março e abril de 2019). A ambiência é entendida como o conhecimento do ambiente que engloba o espaço físico, social, profissional e de relações interpessoais, organizado para determinada atividade (BESTETTI, 2014), nesse caso para o processo de ensino e aprendizagem.

Para a produção dos dados foi utilizado questionário e grupo focal. O questionário foi estruturado com 19 questões, sendo somente uma aberta e 18 distribuídas entre dicotômicas e de múltipla escolha, contemplando o uso da escala Likert (Silva Júnior & Costa, 2014), com quatro pontos: a) “nunca”, b) “algumas vezes”, c) “muitas vezes” e d) “sempre”. A utilização do questionário teve como objetivo principal a construção do perfil dos estudantes e de suas experiências de aprendizagem com os vídeos digitais e foi aplicado no período de abril e maio a 31,5% (464) dos 1.473 estudantes matriculados nos três turnos de funcionamento da escola, que informaram sobre questões sociais e seus hábitos de estudo, como recursos e estratégias, por exemplo, que utilizam para aprender os conteúdos escolares.

Após aplicação do questionário foi realizado convite aos estudantes para a composição de três grupos de discussão, “Grupo Focal tipo estruturado” (Gatti, 2012), que aconteceu entre

agosto e outubro do mesmo ano, contando com a participação de 12 estudantes em cada grupo que se reuniram dentro do prédio da escola em seus respectivos turnos de aula (manhã, tarde e noite). No processo de convite foram selecionados os estudantes observando no questionário, suas respostas em relação às experiências com vídeo-digitais, por considerar que esses sujeitos tivessem maior possibilidade de contribuição no processo de interlocução em virtude da experiência que sinalizaram possuir. Os diálogos dos grupos focais foram gravados e tiveram duração de aproximadamente 120 minutos cada um, e, teve como objetivo verificar com mais propriedade as práticas de utilização de vídeos digitais por esses estudantes, relacionadas principalmente a objetivos escolares.

Os dados objetivos dos questionários foram submetidos a uma análise descritiva. Passaram por tabulação e tratamento estatístico que permitiu processo dinâmico de estratificação, filtragem e combinação de respostas, a fim de representar padrões ou generalizações para a construção do perfil dos estudantes. Os dados oriundos dos grupos focais: registros das falas e narrativas dos estudantes, depois de transcritos foram submetidos à técnica de análise de conteúdo – AC (Bardin, 2010) e organizados com o auxílio do *software* ATLAS.ti.

A escolha da AC se deve à sua aderência aos objetivos dessa investigação, bem como sua compatibilidade quanto a perspectiva qualitativa de interpretação dos dados derivados dos encontros de Grupo Focal. Feita a transcrição dos áudios, com a identificação de cada grupo, foi iniciada a análise de conteúdo perfazendo as quatro fases descritas por Bardin (2010): a) organização da análise; b) codificação; c) categorização; d) tratamento dos resultados, inferência e a interpretação. Desse modo, todo o material transcrito dos GF foi recortado em unidades de registro (palavras, frases, parágrafos) e agrupado tematicamente em categorias para possibilitar posteriormente as inferências. Neste artigo, discutiremos apenas a categoria "vídeos-digitais". Cabe ressaltar, que como se trata de uma abordagem qualitativa, o valor da inferência foi definido sobre a presença de um índice e não sobre sua frequência (Bardin, 2010). Na fase de inferência e interpretação, as categorias foram analisadas à luz da Fenomenografia (Marton & Säljö, 1976; Marton, 1986). A Teoria Fenomenográfica propõe compreender os fenômenos a partir do ponto de vista de quem os vivencia (Freire, 2009; González-Ugalde, 2014).

3 Jovens estudantes e os vídeos digitais

A ideia que se assume no contexto dessa discussão é de que a educação escolar é um projeto ambicioso com a finalidade de não só, desenvolver capacidades cognitivas para a

adaptação humana ao meio em que se encontra como também a de inculcar informações, conjuntos de valores e comportamentos requeridos por uma dada sociedade (Brandão, 1981). É também um processo complexo (Pischetola & Miranda, 2019), pois envolve uma multiplicidade de fatores (tempo, espaço, recursos materiais, currículo, mediação do professor, participação do estudante, dentre outros) e aspectos (a exemplo dos cognitivos e emocionais) que interagem de forma dinâmica e cumpre por meio da aprendizagem os objetivos requeridos socialmente. Compreende-se então, que a aprendizagem é o fenômeno mais importante no contexto da educação escolar e por isso deve ocupar a centralidade do processo.

Ao entender a complexidade da educação escolar, em particular o Ensino Médio, e assumi-la como processo que deve ser pensado com e para o estudante, torna-se imprescindível lançar olhares sobre esses sujeitos. Os dados coletados pelos 464 questionários evidenciam que os jovens do Ensino Médio, foco desse estudo, em sua maioria (91%) têm entre 15 e 19 anos, 81% moram com os pais e mais da metade (57,7%), quando não estão na escola ocupam seu tempo ajudando com serviços domésticos (31%), no trabalho informal (17%) e com emprego formal (9,7%). Informação que pode explicar porque mais de um quarto deles (29%) informaram que não se dedicam aos estudos quando estão fora da escola. Possivelmente, para uma parcela desses jovens seja difícil disponibilizar tempo para se dedicarem aos estudos escolares, dentro da rotina cotidiana. Sobre o histórico escolar, 66,8% não tiveram repetência durante o Ensino Fundamental e 86,4% não haviam repetido ano no Ensino Médio.

Apesar dos dados percentuais imprimirem uma ideia de generalização, a ideia é somente tentar aproximar o leitor da realidade objetiva que compõe o cenário da pesquisa. Considera-se que pode ser perigoso esboçar o perfil do estudante da escola pesquisada, a partir desses fragmentos. Do mesmo modo, rotular a partir de algumas características, a juventude ali encontrada. O relevante é saber que as particularidades de cada um, como ter emprego formal ou não, por exemplo, ou ter histórico de repetência, pode interferir na relação que esse jovem estabelece com a escola.

Nas palavras de Dayrell (2003), "Construir uma definição da categoria juventude não é fácil, principalmente porque os critérios que a constituem são históricos e culturais." (p. 41). Trata-se de uma preocupação apontada também por autores como Sposito (1993), Abramo & Branco (2005), segundo os quais não se deve enquadrar a compreensão de juventude em uma definição etária ou a uma idade cronológica, compreendendo o jovem como um sujeito social. Nesse sentido, as distintas condições sociais, a diversidade cultural, a

diversidade de gênero e, até mesmo, as diferenças territoriais se articulam para a constituição dos diferentes modos de vivenciar a juventude (Dayrell, 2016).

Ao entendermos os jovens como sujeitos sociais, admitimos que eles sejam seres humanos que ocupam um ou mais lugares no contexto social, como família, escola, igreja, dentre outros. Construíram e continuam a construir suas histórias de vida a partir de suas experiências singulares, possuem desejos que influenciam de algum modo suas ações, e, principalmente estabelecem relações com outros humanos (Charlot, 2000; Dayrell, 2003). Esse sujeito faz interpretação de tudo que acontece em seu meio e é ao mesmo tempo influenciado pelas mesmas. O jovem estudante do Ensino Médio, certamente atribui valor e significado às suas experiências junto à escola e isso possivelmente está imbricado com as expectativas em torno da própria vida escolar e dos projetos de vida com e para além dela.

É importante atentar para o fato de que os jovens desse estudo nasceram a partir da primeira década do século XXI. Momento em que no Brasil já se configurava uma ebulição promovida pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), em especial os vídeos digitais. Ebulição, que nas palavras de Pischetola & Miranda (2019, p. 25): "[...] revolucionaram as formas de se comunicar, de acessar e processar a informação, de aprender, de conhecer o mundo e de estar em sociedade."

A pesquisa junto aos estudantes revelou uma crença que estes manifestaram ter sobre situações que potencializam suas aprendizagens. Quando questionados sobre "Como acredita que aprende mais", entre cinco possibilidades presentes no questionário: i) visualizar imagens estáticas; ii) somente ouvir; iii) assistir vídeos; iv) ler e/ou escrever; e v) fazer trabalhos práticos, 85,6% (397) das respostas foi "assistir audiovisuais", número inferior somente ao de "realização de trabalhos práticos", com 90,9% (422) das respostas. Resultado que assume grande relevância nesse estudo, uma vez que sustenta o argumento de múltiplas intencionalidades em torno do uso de vídeos digitais pelos estudantes, em particular a relação com a aprendizagem.

O termo vídeo digital empregado nesse trabalho se refere ao formato de vídeo (lançado em 1996 por um consórcio de empresas) compatível com a tecnologia presente nos computadores digitais, podendo ser produzido e editado por eles, bem como ficar disponíveis na internet, podendo ser catalogados e facilmente encontrados nesse ambiente.

Quando questionados sobre o que fazem quando têm dificuldade em aprender os conteúdos abordados em sala de aula cobrados em avaliação, a atitude que os estudantes

mais sinalizaram tomar “algumas vezes” foi a de “falar com o professor” (299). Já, ação que a maioria apontou realizar muitas vezes (138) foi a de “Pedir ajuda aos colegas que já aprenderam”. E, dentre as que responderam fazer “sempre”, a com maior número de respostas foi “assistir vídeo-aulas”, escolhida por 98. Como o que se procurou saber foi a ação dos estudantes diante da dificuldade de aprendizagem, quando agrupamos o que eles dizem fazer “muitas vezes” e “sempre”, a maior incidência é “Assistir vídeo-aulas”, informado por 216 (46,6%) dos respondentes, seguido de “pedir ajuda aos colegas que já sabem”, 192 (41,4%).

Nesse conjunto de respostas, há elementos relevantes a se verificar. O primeiro deles é o auxílio ao professor como ação menos requerida pelos estudantes, que pode apontar tanto para uma dificuldade de diálogo como de entendimento da linguagem do professor. Questão que será retomada posteriormente. O segundo é a importância atribuída à ajuda do colega que já aprendeu, evidenciando o caráter de interação social assumido por esses estudantes em relação à aprendizagem. Perspectiva presente na teoria sócio-interacionista de Vigotsky (Kohl, 1997). O terceiro é sobre a prática mais usual, apontada por eles, de uso de vídeo-aulas para a aprendizagem de conteúdos escolares. A hipótese que se levanta é a da vídeo-aula assumir para esses sujeitos, papel semelhante de uma aula presencial. Nesse sentido, o vídeo como instância de aprendizagem pode ser interpretado como aprendizagem observacional, vicária, à luz da Teoria Social Cognitiva (TSC) proposta por Albert Bandura (Bandura, Azzi & Polydoro, 2008).

Em relação ao tipo de material que usam fora da escola para estudar os conteúdos escolares, o mais apontando como utilizado “Sempre”, novamente recai em “vídeo-aulas” com 28,2% (131 respostas). Por fim, o indicativo de utilização, quando somadas as três respostas (algumas vezes, muitas vezes e sempre), resulta com 392 (84,5%) dos estudantes afirmando utilizar vídeo-aula, seguido de 368 (79,3%) Sites, Blogs e páginas Web e em terceiro lugar a utilização do livro didático com 351 (75,6%) das respostas.

Esses dados fortalecem o entendimento que as experiências dos jovens com os vídeos digitais e as relações que estabelecem com essa mediação, têm ajudado em suas múltiplas e variadas aprendizagens, que precedem a escolarização, mas que também são desenvolvidas em paralelo com a escola, influenciando-a ou sendo influenciadas por ela. Afinal, vivemos uma cultura audiovisual, argumento defendido nessa pesquisa e que pode ser sustentado não só a partir da observação cotidiana de práticas de comunicação em grande parte da sociedade, como também por dados empíricos de outras pesquisas.

O resultado da “Pesquisa Brasileira de Mídia 2016” revela a televisão como a mídia mais utilizada no país (89%). A rede mundial de computadores fica em segunda opção (49%),

muito abaixo da TV e acima do rádio (30%), terceira mídia escolhida pelos brasileiros. Os jornais impressos ocupam a quarta posição (12%) e as revistas (1%), ficam em último lugar (Brasil, 2016).

Quando não se verifica o objetivo de uso, a pesquisa demonstra que a TV é assistida por 97% da população, sendo que 77% afirmam ter hábito de assisti-la diariamente por um período médio de três horas e 21 minutos, durante os cinco dias da semana e por três horas e 39 minutos nos finais de semana (Brasil, 2016).

Um outro indício, agora sobre a tipologia vídeo online, é o resultado da “Pesquisa Vídeo Views”, publicada pela *Google Inc.* em setembro de 2018 que apresenta dados significativos sobre o consumo de vídeos digitais pelos brasileiros e fortalece hipótese já levantada sobre o provável movimento de usuários da tradicional TV para os vídeos na internet. Em sua quinta edição, a pesquisa encomendada pela *Google* reforça o crescimento do consumo de vídeos pelos brasileiros e constata a consolidação do *YouTube* como principal plataforma de compartilhamento e visualização de vídeos *online* no Brasil. De acordo com esse estudo (Marinho, 2018), no período examinado de quatro anos (2014-2018), enquanto o consumo de TV aumentou de 21.9 para 24.8 horas semanais, o equivalente a 13%, o de vídeos na web cresceu 135% de 8.1 para 19 horas semanais.

Sobre a consolidação do *YouTube* como plataforma de vídeos *online*, os números dessa mesma pesquisa mostram que esse serviço é o mais utilizado no Brasil (44%), alcançando o dobro de preferência do segundo colocado (Netflix - 22%), sendo consumido diariamente por 55% das pessoas com idade entre 14 e 18 anos (Marinho, 2018). Questão que deve ser considerada relevante, nesse contexto é o suporte ou aparelho que é utilizado para assistir aos vídeos, uma vez que pode favorecer essa prática.

Os dados sobre as experiências com vídeos digitais originados do questionário, foram ratificados pelos relatos durante os grupos focais e evidenciaram outras questões. Dentre elas, a dificuldade de entendimento da linguagem utilizada pelo professor, por parte do estudante. Como aparece nesses relatos:

O quê que acontece às vezes é que a maneira que o professor explica é uma maneira mais dificultosa. Eu dou um exemplo de química. O professor, ele fica querendo explicar da forma mais técnica pra umas pessoas que não tem aquela aptidão toda que ele tem. Ele explica como se fosse para pessoas que já são formadas naquilo, que são feras com aquilo. (Estudante_A, Grupo Focal 3)

[...] o padrão do professor fulano é o padrão de alunos da universidade. [...] o modo que ele passa pra gente é de aluno que já tem o conhecimento daquela área, daquela especialidade. Coisa que a gente não tem. (Estudante_B, Grupo Focal 3)

Nos dois relatos que incidem sobre uma incompatibilidade da linguagem empregada pelo professor, transparece que estes não sabem ou desconsideram o nível de conhecimento que os estudantes têm sobre o assunto que abordavam.

É preciso considerar, como afirma Charlot (2006, p.12) que uma das questões fundamentais no processo da educação escolar “é saber como provocar uma mobilização intelectual daquele que aprende”. Essa mobilização, segundo o autor, não se dá de forma espontânea, tampouco da mesma forma nos indivíduos. Por isso é importante que se estabeleça diálogo com o sujeito aprendente, de forma que na prática educativa não só se valorize o que o estudante já sabe, como se utilize desse conhecimento como ponto de partida para a promoção de novas aprendizagens (Antunes, 2012).

Certamente os estudantes do relato acima, possuíam algum conhecimento do que estava sendo abordado, até mesmo a partir do cotidiano. Mas, é preciso reconhecer o processo de passagem do Eu empírico ao Eu epistêmico, do indivíduo tomado pelo movimento da vida cotidiana e suas aparências ao indivíduo mobilizado intelectualmente. E isso só será desvelado mais profundamente em sua complexidade, certamente a partir da interlocução com esse indivíduo.

A ausência na escola do pronunciamento dos estudantes sobre o processo de ensino e aprendizagem que são levados a participar (Arroyo, 2013; Silva, 2013), revela também o silenciamento produzido desde o ingresso das crianças no mundo da escola, na qual “silêncio!” é a primeira palavra de ordem. Não demora muito para uma criança em sua primeira experiência de escolarização, aprender que naquele espaço se valoriza muito o silêncio e que é preciso permanecer calado para que todos possam ouvir a voz do professor. Afinal, a escola por meio de suas práticas, também ensina que a aprendizagem só acontece em seu interior e principalmente ao se ouvir as explicações do professor.

Assim, a escola vai se constituindo como território de fala dos mestres e silêncio dos aprendizes. E esse entendimento se cristaliza de tal modo que mesmo assumindo que a aprendizagem é do estudante, estes são poucas vezes consultados e ouvidos sobre os conteúdos e estratégias que serão utilizadas com eles e para eles. Apesar do discurso do aluno como “tábula rasa” já não ser mais aceito, na prática, a escola considera que os estudantes não possuem autonomia para aprender e chegam às salas de aulas, “vazios” (Dayrell, 1996). Prontos para serem “preenchidos” com os conhecimentos curriculares.

A dificuldade de entendimento com a linguagem do professor acaba por influenciar o estudante a procurar por alternativas em suas necessidades de aprendizagem e a

encontram nos vídeos digitais online. Durante os diálogos nos grupos focais, muitos relataram que procuram vídeos aulas e apontaram algumas das vantagens desse uso:

Quando nos estamos na sala de aula, é uma aula, vamos dizer assim, obrigatória. Você não pode sair daquela aula pra assistir outra aula. Na internet não, você tá vendo aquele professor, mas você tem várias outras opções de outros professores que podem explicar melhor aquele assunto. Então o professor da internet ele vai buscar te explicar de maneira rápida e eficiente. (Estudante_C, Grupo Focal 3)

E o vídeo aula tem a facilidade de que se você não entendeu, você volta, você não entendeu, você volta de novo. Esse é o lado bom, entendeu. Só que aquilo, é você não se acomodar naquilo somente. Se você ouviu uma palavra que você não entendeu, vai e pesquisa um sinônimo, ou então o significado daquela palavra, pra você ter conteúdo pra poder aprender. (Estudante_A, Grupo Focal 1)

A possibilidade de repetição, de visualizar várias vezes um mesmo vídeo foi um dos atributos apontado como vantajoso, na utilização de vídeo-aulas, assim como a capacidade de escolher diferentes professores, com diferentes formas de abordagem do mesmo assunto. Em tempos de eficientes Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), as demandas são outras, não mais acessar esse ou aquele conceito, ou memorizar uma dada fórmula matemática. Acreditamos que os jovens estudantes se ambientaram com as demandas dessa sociedade e intuitivamente se adaptaram a essa cultura do aprender, mais recentemente lançando mão de mídias audiovisuais: os vídeos digitais.

Assim, uma ação que pode levar a uma aprendizagem qualquer, seja de domínio técnico ou simplesmente prático, como aprender a preparar um alimento, a operar um computador digital, ou mesmo tocar um instrumento musical, se tornou algo mais comum, rotineiro. Por meio da internet, principalmente, a disponibilização de cursos on-line, vídeo-aulas, blogs, chats e todo tipo de material de suporte para essas inúmeras aprendizagens, parece ter potencializado uma cultura da aprendizagem (Pozo, 2008).

O uso de vídeos como instância de aprendizagem, aparece também na pesquisa *Vídeo Viewers* ao revelar que nove em cada dez usuários do *YouTube*, no Brasil, o utilizam para estudar (Marinho, 2018). O foco principal é o conhecimento, busca-se assistir vídeos com o objetivo de aprender, tanto a fazer pequenos reparos domésticos, quanto desenvolver habilidades profissionais, dicas de esportes, dentre outras.

Quando o foco é a aprendizagem de conteúdos escolares, encontramos na pesquisa de Meireles, Alaor & Ferreira (2009), uma análise da relação de estudantes do Ensino Médio com o audiovisual, em particular vídeos sobre o ensino de física. De acordo com esse estudo, 68% dos estudantes responderam ser o vídeo o meio de comunicação mais importante para eles, e, mais da metade (50,54%) afirmaram assistir conteúdos de física em formato de vídeo.

Também, na pesquisa sobre a utilização de vídeos da internet por estudantes de licenciaturas, envolvendo 371 estudantes, Gomes (2011) verificou que 93,3% disseram já ter assistido esse tipo de audiovisual, enquanto que 52,8% afirmaram fazer isso frequentemente. E quando perguntados sobre os objetivos dessa prática, 75,7% responderam que assistiam para abordar assuntos relacionados à sua formação acadêmica, ou seja, com foco na aprendizagem.

Esse cenário, delineado a partir de resultados de estudos e pesquisas, permite fazer duas constatações relevantes no contexto desse estudo. A primeira, que dentre as diferentes tipologias de mídias digitais no Brasil, a audiovisual é seguramente a mais consumida. A segunda, é que há uma relação entre as experiências dos jovens estudantes com a mídia audiovisual, em particular os vídeos digitais, e, uma intenção de aprendizagem a partir de demandas escolares e não escolares. Ou seja, há no interior dessa prática cultural, dentre variadas intencionalidades possíveis, a do vídeo funcionar como uma estratégia de aprendizagem (Duarte, 2006).

O aparente fracasso da escola pode estar relacionado, mais diretamente com a concepção do conhecimento escolar e com as formas de mediação adotadas junto aos jovens, centrada massivamente na passividade e memorização. Apesar dos discursos apontarem para a centralidade do sujeito estudante e suas aprendizagens, o elemento que ocupa lugar de destaque geralmente é o ensino. Assim, como critica Rancière (2018) e Antunes (2012), a escola se configura como lócus de ensino. Por acreditar equivocadamente que o educando prescinde da instrução direta do mestre, para sua aprendizagem. Em pesquisa feita por Mesquita (2018), os jovens estudantes além de questionar as bases do processo educativo recebido, acusa a escola de manter um ensino enciclopédico e desarticulado com suas realidades.

Pode parecer controverso, mas a escola, como instituição social, avança significativamente como consequência da revolução industrial, onde naquele momento a função social da aprendizagem assume novos significados. Entretanto, no início desse processo, a mesma escola que instaura e responde às novas demandas de aprendizagem, em geral ensina a ler e escrever, não como forma de ter acesso a outros saberes, mas como o fim em si mesmo (Pozo, 2008). Uma lógica e um *modus operandi* que parece ainda acompanhar grande contingente de escolas da atualidade. De todo modo, podemos afirmar que o conhecimento científico e sua aplicação, favoreceram a progressão contínua da necessidade e prática de aprendizagens que se alargaram à praticamente todas as esferas da vida social. A multiplicação dos contextos de aprendizagem é uma das características das chamadas "sociedades da aprendizagem" (Pozo, 2008).

Além disso, a forma muitas vezes descontextualizada pela qual o conhecimento é abordado na escola tende a gerar uma desconexão desse conhecimento com o mundo social onde os estudantes estão inseridos e atuam. Essa ruptura entre o que se apreende no e pelo cotidiano com o que se aprende e é valorizado na escola, se torna motivo de apatia e desinteresse dos estudantes pela educação escolar, que geralmente solicita apenas recordação de fatos, datas e o que mais tenha sido “ensinado”, sem pedir que, a partir de suas observações, formulem perguntas substantivas (Pozo, 2008; Antunes, 2012). E, acrescentamos: uma escola que não aposta no conhecimento nascido da curiosidade está propenso a ser um ambiente de pura repetição. É uma escola aprisionada tão somente transferir conhecimento, como critica Freire (2005).

4 Algumas Considerações

Assumindo a proposta de discutir as experiências de aprendizagem escolar de jovens estudantes do Ensino Médio com os vídeos digitais online, foi possível verificar que essa tem sido uma prática recorrente junto aos estudantes pesquisados. Prática adotada não somente por eles como também por outros jovens, como ficou evidenciado através de outras pesquisas.

É importante considerar que essas experiências com vídeos digitais com o objetivo de aprendizagem demonstradas pelos jovens estudantes, se originam e se desenvolvem em seus contextos sociais e culturais, em paralelo com a escola, mas é amalgamada em algum momento à prática escolar desses sujeitos, por iniciativas deles mesmos. Os motivos para essa prática parecem ainda difusos: dificuldade de compreender as explicações em sala de aula; opção de acessar os mesmo conteúdos escolares a partir de abordagens diferentes, com explanações e ou linguagens mais acessíveis; possibilidade de recorrer a esses vídeos (aulas) em outros momentos, fora da escola, inclusive utilizando o recurso de repetição para uma possível memorização.

Parece pertinente atentarmos sobre o fato de que a escola, em um sentido generalizante, preza exclusivamente pela “aquisição” do conhecimento historicamente construído. Em contrapartida, os jovens estudantes dentro e fora da escola, experienciam um modo de vida ou cultura onde transparece que mais importante que aprender esse “ou” aquele conhecimento, é construir estratégias para a sua própria aprendizagem, contínua e diversificada. Como é possível verificar nas práticas cotidianas dos jovens e suas relações com o conhecimento escolar e não escolar, bem como, em sua valoração e atribuição de significado. Parece que esses estudantes investem mais tempo e atenção de qualidade em

estratégias para a aprendizagem daquilo que não está pronto, acabado. Referindo-se ao conhecimento estático, ao qual a escola, por vezes privilegia, não requerendo resignificação por parte do estudante.

Nesse sentido, a crise ou fracasso que se admite que a escola vivencia, pode não ser real, ou na dimensão que se apresenta, mas o reflexo do movimento anacrônico entre o que a escola pratica e valoriza em seu interior e as expectativas, experiências e cultura que tem mobilizado e orientado os jovens em suas múltiplas e variadas respostas à requisição escolar.

As evidências apontam para a necessidade da escola, em suas práticas, assumir o estudante como sujeito social, que tem direitos objetivos, mas também, história, vontades, projetos de vida e singularidades. Por isso é relevante indagar sobre o que sabe e o que pensa o estudante, em especial sobre sua aprendizagem. Pois, certamente interferir na concepção que se tem sobre a aprendizagem e possibilitar que esse processo seja consciente e intencional ajude a potencializar a própria aprendizagem e, por conseguinte a qualidade da educação escolar.

Por fim, é importante salientar que apesar da centralidade da discussão convergir em torno das experiências com vídeos digitais enquanto instância educativa, não se postula a defesa de uma substituição de hábitos, da prática da leitura alfabética para a leitura imagética ou audiovisual, tampouco se pretende desvalorizar a escrita enquanto padrão formal de nossa linguagem, utilizada nos diversos processos educativos. O que se pode inferir a partir desse estudo é a ideia de que a experiência com vídeos digitais disponíveis na internet, têm se apresentado como recorrente estratégia no processo de aprendizagem dos jovens, fomentada por eles mesmos.

Esse artigo está sendo finalizado em um período onde todos os países do mundo enfrentam dificuldades relacionadas às questões econômicas e da saúde, principalmente, ocasionadas pela pandemia do coronavírus (Covid-19). Dentre os vários problemas decorrentes desse contexto, a educação escolar se insere como um deles. No Brasil, todas as escolas estão fechadas e uma das alternativas que vem sendo amplamente utilizada (levando em conta as desigualdades sociais) são os vídeos digitais, em diferentes plataformas, contribuindo para que professores e estudantes continuem de algum modo com as práticas escolares. Questão que precisa de atenção de políticas públicas para fomentar mais pesquisas e em consequência, mais investimentos.

5 Referências

- Abramo, H. & Branco, P. P. M. (2005). Retratos da juventude brasileira. São Paulo: Perseu Abramo.
- Antunes, C. (2012). Professores e professoas: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Aranha, M. L. A. (2006). História da educação e da pedagogia: geral e Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna.
- Arroyo, M. G. (2013). Currículo, território em disputa. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Bandura, A., Azzi, R. G. & Polydoro, S. (2008). Teoria social cognitiva: conceitos básicos. Porto Alegre: Artemed.
- Bannell, R., Duarte, R., Carvalho, C., Pischetola, M., Marafon, G. & Campos, G. H. B. (2016). Educação no século XXI: cognição, tecnologias e aprendizagens. Petrópolis, RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC.
- Bardin, L. (2010). Análise de conteúdo. 4. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Brandão. C. R. (1981). O que é educação. São Paulo: Brasiliense.
- Brasil. (2016). Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social.
- Charlot, B. (2000). Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artemed.
- Charlot, B. (2006). A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área do saber. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, vol. 11 (31), p. 7-18.
- Dayrell, J. (1996). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Dayrell, J. (2003). O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação. vol. 24, p. 40-52..
- Dayrell, J. (2016). Por uma pedagogia das juventudes: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo Horizonte: Mazza Edições.
- Duarte, R. M. (2006). Imagem, linguagem audiovisual e conhecimento escolar. In: XIII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2006, Recife. Políticas educacionais, tecnologias e formação do educador. Recife: Edições Bagaço, 2006.
- Ferretti, J. C., Zibas, D. M. L., Madeira, F. R. & Franco, M. L. P. B. (2011). Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Freire, L. G. L. (2009) Teoria fenomenográfica e concepções de aprendizagem. *Revista Pedagógica – Unochapecó*, vol. 11 (22) p. 9-38.
- Freire, P. (2005). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Gomes, I. F. (2011). *A utilização de vídeos da internet por estudantes de licenciatura da Universidade do Estado da Bahia. (Dissertação de Mestrado)*. Biblioteca da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).
- González-Ugalde, C. (2014). Investigación fenomenográfica. *Magis, Revista Internacional de Investigación en Educación*, vol.7 (14), p. 141-158.
- Kohl, M. (1997). *Aprendizado e desenvolvimento um processo histórico*. São Paulo: Scipione.
- Marinho, M. H. (2018, nov., 12). Pesquisa vídeo viewers: como os brasileiros estão consumindo vídeos em 2018. Think with Google, setembro/2018. <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/pesquisa-video-viewers-como-os-brasileiros-estao-consumindo-videos-em-2018/>.
- Marton, F. & Säljö, R. (1976). Qualitative Differences in Learning. Outcome and Process. *British Journal of Educational Psychology*, vol. 46 (1), p. 4-11.
- Marton, F. (1986). Phenomenography: A Research approach to investigating different understandings of reality. *Journal of Thought*, vol. 21 (3), p. 28-49.
- Meireles, S. P., Alaor, G. C., Ferreira, J. R. F. (2009). Uma análise da relação dos alunos e suas concepções a respeito do uso de vídeos no ensino de física na Zona Metropolitana de Belo Horizonte e no Centro-Oeste mineiro. In: XVIII Simpósio Nacional de Ensino de Física (SNEF), Vitória-ES: Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 26 a 30 de janeiro de 2009.
- Mesquita, S. S. A. (2018). *Professor, ensino médio e juventude: entre a didática relacional e a construção de sentidos*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Numa Editora.
- Moreira, A. F. B. & Candau, V. M. (2007). *Indagações sobre o currículo: currículo, conhecimento e cultura*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica.
- Nogueira, M. G. & Padilha, M. A. (2014). Soares. *Cultura digital jovem: as TIMS invadem as periferias, e agora? Educação Temática Digital*, Campinas, SP, vol. 16 (2), p. 60-78.

- Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: SECOM.
- Pischetola, M. & Miranda, L. T. (2019). A sala de aula como ecossistema: tecnologias, complexidade e novos olhares para a educação. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio.
- Pozo, J. I. (2008). Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed.
- Rancière. J. (2018). O Mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Silva Junior, S. D. & Costa, F. J. (2014). Mensuração e escalas de verificação: uma análise comparativa das escalas de Likert e Phrase Completion. PMKT – Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia, São Paulo, Brasil, v. 15, p. 1-16.
- Sposito, M. (1993). A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, São Paulo, vol. 5 (1 & 2), p. 161-178.